



António Inácio

António Inácio [por alcunha “Rodeia”] nasceu a 20 de Fevereiro de 1932, na Ericeira. É filho de Felipe António Inácio [por alcunha “Galdera”], pescador, e de Emília Franco Alberto, doméstica. Os pais tiveram onze filhos, tendo chegado nove à idade adulta – Maria Cristina Franco Alberto, Manuela Alberto António [por alcunha “Manã”], Francisco Eurico Franco Alberto [por alcunha “Xico Porras”], Maria Susete Franco Alberto, Laurinda Franco Alberto, Aida Franco Alberto, Ana Franco Alberto e Antónia Franco Alberto.

António Inácio, aos onze anos, frequentou a quarta classe na Ericeira com os professores Bagulho e Carvalhão. «Fui fazer o exame a Mafra e apanhei uma raposa!» Após a instrução primária, foi trabalhar com o pai, para a Praia da Ribeira, nas chatas e nas traineiras.

As artes de pesca utilizadas ao tempo eram – covos, aparelho de fundo e redes de emalhar para capturar sardinhas. O aparelho era iscado com sardinha e carapau, «daquele pequenino. Apanhavam tudo – raías, safios, pregados, ruivos, etc.»

Em 1949/50, frequentou a Escola Profissional de Pesca, em Pedrouços, durante cerca de dois, três meses. Em Maio de 1949, quando foi fazer a inscrição na escola, havia muitos candidatos. Na altura estava só um médico a inspeccionar e, como não via de uma vista, fez uma aldrabice, «para falar a verdade é assim, fiz uma malandrice.» Abriu uma greta entre os dedos da mão que tapava o olho que via bem, pôde assim ver o alvo e passar no teste, como se visse bem dos dois olhos. «Como havia muito pessoal fiquei em lista de espera para Setembro.» Em Setembro, foi chamado, voltou à inspecção na escola e como era feita por um médico e um enfermeiro, que lhe tapou a vista, já não pôde fazer a aldrabice e disse que não via do olho [direito]. Após a inspecção disseram-lhe que tinha de usar óculos.

Na escola de pesca «aprendeu tudo, conhecimentos de pesca, a trabalhar com a rede de arrasto, a navegar com agulha e a conhecer todos os apetrechos do barco.»

De volta, já na Ericeira, solicitou a cédula marítima ao delegado marítimo, comandante Santa Rosa, que lhe disse que para poder obtê-la teria de ir a Mafra pedir uma certidão de nascimento. Com a certidão na mão, em 12 de Setembro de 1949, Santa Rosa passou-lhe a cédula marítima, tendo-lhe feito a inscrição a 12 do mês anterior com o nº 1.360.

Em 27 de Março de 1950, embarcou para a pesca do bacalhau na Terra Nova no “Capitão Ferreira”¹, como moço de câmara.

Aquando do embarque, a mãe recebeu 5.500\$00 escudos. Com parte do dinheiro comprou o enxoval na Marinha, em Alcântara. Durante a semana em que o navio esteve a meter água no cais do Ginjal, antes de partir para a Terra Nova, recebeu 300\$00.

A equipagem era constituída por setenta e seis pescadores, oito ou nove moços, comandante, imediato, pilotos (primeiro e segundo), um cozinheiro e dois ajudantes.

Na primeira vez que o “Capitão Ferreira” foi a St. John’s estiveram atracados ao cais dezassete dias. Durante a estadia, a tripulação retirou gelo do convés com picaretas e no tempo livre frequentou os bares à procura de miúdas. Via televisão, ouvia música e jogava à bola. O dinheiro era pouco, cada dólar valia 27\$50.

A bordo, as tarefas dos moços incluíam praticamente tudo – baldear sal de um hino² para outro, arrear e baixar os botes, em caso de necessidade, ajudar a descarregar o bacalhau dos botes, ajudar na escala. Ao moço camareiro competia ainda levar a alimentação aos oficiais, que comiam numa mesa à parte, comida igual à da tripulação.

Quando havia bom tempo, António chegou a pedir ao imediato para ir pescar num dos botes suplentes.

A companha levantava-se às quatro horas ao som dos louvados – «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo» –, cantados pelo vigia. Logo depois, iam comer pão, manteiga em lata, peixe frito (bacalhau, alabote) e bebiam chá ou café. Os alimentos estavam sempre à disposição em cima de uma mesa. «Nunca faltou comer a bordo daquele navio.» Em seguida, o imediato ou o piloto ia ao frigorífico contar as sardinhas que iriam ser distribuídas como isco a cada pescador. Cada um recebia cerca de uma dúzia de sardinhas. «O isco tinha que render!» Depois, os pescadores iscavam o ‘trole’. A sardinha congelada para isco era adquirida em St. John’s. O isco distribuído a cada pescador era insuficiente, pelo que os pescadores utilizavam isco retirado das barrigas dos bacalhaus capturados (sendilho ou capelim e mexilhão), isto no Mar de Rocks, na Terra Nova. A linha ou ‘trole’ utilizada na pesca do bacalhau tinha cinquenta anzóis distanciados de uma braça e um bocadinho, para os anzóis não baterem um no outro. Os estralhos tinham meia braça de comprimento. «Os pescadores mais batidos usavam doze, treze linhas, os mais fraquitos sete, oito.» As linhas eram acondicionadas em seiras de vime. Durante a pesca, as linhas eram lançadas em sequência umas atadas às outras. Pescavam com avental, casaco e chapéu de oleado. Usavam luvas de lã e nepas³.

Os pescadores levavam para a pesca o foquim⁴ com café ou chá, comida, tabaco, o que se quisesse. Para dentro do navio só entravam bacalhaus. Eventualmente, os pescadores podiam trazer uma raia ou um alabote para ser confeccionado pelo cozinheiro.

Se estivesse bom tempo, o navio içava a bandeira cerca das dezassete horas para indicar o fim da pescaria e o conseqüente regresso dos botes. Os pescadores iam almoçar depois de descarregarem os bacalhaus para os quetes⁵ com garfos e içarem os botes. Quando havia temporal, o navio chamava os botes mais cedo. Se estivesse nevoeiro dava umas apitadelas. O navio colocava-se sempre por sotavento para socorrer os botes durante a descarga.

¹O navio-motor “Capitão Ferreira” pertenceu à Atlântica Companhia Portuguesa de Pesca, Lda., sedeada na Figueira da Foz. Foi encomendado ao mestre construtor Benjamin Mónica, dos Estaleiros Navais do Mondego, na Figueira da Foz, e lançado à água no dia 20 de Dezembro de 1945, cerca das 15h, na presença do comandante Henrique Tenreiro, do armador Gomes de Carvalho e de mestre Benjamin Mónica, assistido pelo irmão mestre Manuel Maria Mónica, de Aveiro, para além de outras personalidades do regime ligadas à actividade das pescas. A madrinha foi Maria Regina Núncio de Carvalho. Na cerimónia do lançamento Gomes de Carvalho saudou-o, segundo o melhor dos cânones salazarentos estado-novenses: «Capitão Ferreira vai em nome de Deus, da Pátria e da Família». O navio de madeira tinha a arqueação de 631,65T brutas e 381,40T líquidas e 75 tripulantes na campanha bacalhoeira de 1950, em Jornal do Pescador nº 85, de Janeiro de 1946, e nº 155, de Março de 1950.

²Compartimento do porão.

³Nepas eram pedaços enrolados de tecido, cabedal ou borracha por onde passava a linha para proteger as mãos.

⁴Caixa cilíndrica de madeira que servia para guardar a merenda, o tabaco e a aguardente.

⁵Caixas em madeira.

Ao almoço era servido peixe frito, bacalhau cozido com batatas ou carne salgada em barrica, da Argentina. Algumas vezes, juntavam-se dois ou três camaradas e pediam ao cozinheiro para fazer um arroz dos corações de bacalhau, que tinham sido aproveitados da escala. Após o almoço, a tripulação procedia à escala e salga do peixe.

Na escala, o troteiro batia com a cabeça do bacalhau na banca, caindo esta para o chão. O moço aproveitava as cabeças ou as línguas conforme as ordens que tivesse, se os bacalhaus fossem grandes, aproveitava a cara, se fossem pequenos aproveitava só as línguas. Sabia que os fígados eram aproveitados para fazer óleo, contudo no navio onde andou não se aproveitavam os fígados. Durante a escala, a companhia «dava um copinho de aguardente a cada camarada.»

Depois da escala, iam lavar-se, com o que havia, pois a água salgada era muito gelada. «À noite, após o fim da escala era servida a chora, uma espécie de canja branca feita com as caras dos bacalhaus cozidas e com uns baguinhos de massa ou de arroz, para ficar leve.» A sopa tinha apenas a gordura do peixe. Bebiam chá ou café e quem quisesse podia comer dos alimentos que estavam à disposição da tripulação na mesa e sempre à descrição. A companhia não dava vinho. Cada qual levava o vinho que queria em barris que se encontravam depositados e amarrados à proa do navio. O vinho era retirado de dentro dos barris para dentro de um garrafão, através de uma mangueira. Nesse ano, o “Capitão Ferreira” regressou a Lisboa em 9 de Outubro.

Em 6 de Abril de 1951, António Inácio voltou a sair para a sua segunda e última viagem ao bacalhau no “Capitão Ferreira”, como moço camareiro. Regressou a Lisboa a 26 de Setembro de 1951. O salário recebido foi rigorosamente igual ao que obtivera no ano anterior. No Natal e durante três anos, a companhia mandou para sua casa dois bacalhaus.

Em 1951, António decidiu deixar a pesca do bacalhau porque passava muito frio naquela vida. Resolveu ir para «o arrasto em Cabo Branco.»

A inscrição para embarcar para a pesca do arrasto em Cabo Branco era feita, em Lisboa, na Rua das Trinas, a S. Bento. Enquanto estavam à espera de arranjar trabalho iam à Rua das Trinas, todos os dias, ver se havia ou não vaga para embarcar. Diariamente, às dez horas da manhã, o representante dos armadores, que se chamava Cabral, anunciava e distribuía as vagas disponíveis pelos candidatos. Alguns dos homens inscritos não aceitavam as vagas atribuídas porque o navio não prestava. Depois de obter trabalho e antes de embarcar, António Inácio ficava em Lisboa com a mulher na Rua de S. Paulo nos nºs 13 e 152, às vezes, em casa do “Xico Russo”, na Bica. A grande maioria do pessoal do arrasto era natural da Ericeira, «praticamente, o pessoal era da Ericeira, havia de todo o lado, nazarenos, poveiros, algarvios, gente da Figueira da Foz, diziam todos que eram da Figueira, mas não eram, de todo o lado. O único penicheiro com que andei foi o mestre de redes chamado Armindo.»

Em relação ao salário, «a companhia é que sabia o que deveriam receber, só recebia o dinheiro», nunca soube como lhe era atribuído o salário. Nos primeiros três anos, ia receber o salário à escola de pesca, pois embarcara como aluno da referida escola, tendo-lhe sido descontado dez por cento do salário para pagar a instrução que aí recebera.

A campanha de pesca durava cerca de duas semanas, de Lisboa a Lisboa. «Eram cinco, seis dias de viagem, três dias sempre a pescar e cinco, seis dias na volta». Mais tarde, a campanha passou a durar 21, 22 dias.

A companhia não podia trazer peixe para casa. Ao tempo, a lagosta capturada nas redes não era aproveitada, pois não tinha valor comercial. Algumas vezes, a tripulação trazia lagostas à socapa. Fazia conservas das côas de lagosta em vinagre, com cebola, cenoura, pimento, «tudo o que quisesse misturar.» As côas levavam um escaldão para tirar a casca, escalavam-se e metiam-se dentro do frasco. As conservas eram «comidas em petisco nas tabernas da Ericeira, por aqui e por ali, em companhia.»

Quando começou «o peixe em Cabo Branco estava como a areia ali na praia. Ui! Ui! Ui!» Os arrastões pescavam tudo, pescadas, lagostas, etc. Os navios não davam vazão a tanta quantidade de peixe.

António Inácio andou no arrasto com vários mestres. Da Ericeira, andou com Narciso Neto Espada, pai do “Papum” [António Florêncio Baptista Neto], várias vezes, e também «com um algarvio, que

morava aqui, o “Manel das Redes” [Manuel Alberto Júnior]. Andei lá sempre com bastante peixe, muito, muito, não havia aqui, havia ali. Chegámos a ir ao “Mar da Palmeira”. O “Mar da Palmeira” é dezassete de latitude e trinta de longitude. Íamos arrastar até ao pé de Dakar, que está a ponto treze, a norte. Íamos até ao Cabo Juby [fronteira sul de Marrocos], vinte e cinco de latitude, para sul, até ao Rio de Ouro, Villa Cisneros [Saara Ocidental], La Guera. Port Étienne, que agora é Nouadhibou, Nouakchott, ao sul de Cabo Branco. O farol está a dezoito de latitude e dez de longitude. As populações de Villa Cisneros para baixo eram todas negras.

«O arrasto é todo igual, a mercadoria é que é diferente. Há redes para um certo fim e há redes para outro fim. No início, as redes eram todas inglesas, não havia redes bacalhoeiras.» A rede tinha onze peças de rede.

«A rede inglesa trabalha com arraçal em arame de aço forrado com umas borrachas para evitar o desgaste do mesmo e fazer de rolete. A rede bacalhoeira trabalha com roletes – há dois sentidos [dois tipos], com roletes de madeira, forrados a chapa de ferro, para não estragar a madeira, ou com esferas de ferro.» As redes bacalhoeiras foram introduzidas mais tarde, primeiro, com roletes e depois, com esferas.

Solicitei a António Inácio que descrevesse a rede de arrasto. Eis a resposta – «Uma rede tem a asa de baixo; ora para fazer uma asa de baixo têm que ser duas. Tem a asa de cima, têm que ser duas, no total são quatro. Tem a barriga, que tem duas faces; são seis. Tem o quadrado. Tem o saco. Tem a boca e tem a língua. Quando são feitas de início, qualquer rede de arrasto, todos os tipos de rede, têm onze panos. Como agora os navios não param de arrastar para pôr a rede dentro, estão sempre a andar, a rede vem sempre fechada, a língua já não faz falta, porque o navio está sempre a fazer força, a língua só faz falta quando a rede pára, que é para o peixe não poder sair dali.»

A rede era armada durante a viagem. Durante a manobra das redes, os pescadores usavam botas altas de borracha, avental e casaco de oleado se fizesse mau tempo.

«Quando havia muitos navios a trabalhar, a maior percentagem descarregava o peixe em Santos. Os navios chegavam a descarregar, diariamente, no mínimo 150T de peixe.

No dia seguinte, chegava o veterinário, a quantidade era muita, dizia – Está estragado, é para a tulha. O peixe estragado ia numa fragata para o Barreiro, para o outro lado, para fazer farinha. Em algumas viagens, não em todas, iam para a tulha 20, 30, 40T de peixe, dependia da qualidade do peixe e da fartura.» A companhia não recebia qualquer percentagem referente ao peixe estragado.

António Inácio andou na pesca do arrasto em Cabo Branco entre 4 de Dezembro de 1951 e 26 de Novembro de 1971. Primeiro embarcou, no “Almancil” como moço (04.12.1951-03.11.1953).

Em 1953, deu conta que «trabalhava como um homem, mas ganhava só a metade» pelo que resolveu tirar a carta de marinheiro. Em Novembro desse ano, regressou à escola de pesca «durante um mês e tal. Pouco tempo.» Em 31 de Dezembro, passou no exame para marinheiro pescador.

No mesmo ano, aos 21 anos, casou com Maria Filomena Alberto Franco de quem teve sete filhos – Felipe Arvelo Franco Inácio, Beatriz Franco Inácio (falecida), Emília Franco Inácio, José Albino Franco Inácio (falecido), António Vicente Franco Inácio – «Está na América», Lídia Franco Inácio e António Inácio Franco.

António Inácio andou no “Alcôa”, propriedade da “Companhia Portuguesa de Pesca”, como marinheiro pescador (05.02.1954-09.05.1956). «Andei no “Alcôa” um bocado de tempo, não sei quanto tempo, não me recorda. Depois comecei a pensar na vida, a pensar que podia melhorar a vida. O contra-mestre levou-me para ajudante no porão, para tratar do peixe.

No porão do navio punha-se uma camada de gelo sobre o peixe de acordo com a qualidade do peixe. Às pescadas grandes, de dez, doze quilos, abria-se a barriga – o peixe grande era todo aberto, para a água não ficar lá dentro» e tiravam-lhes as tripas. Aproveitavam as ovas à parte. «As pescadas pequenas eram arrumadas direitinhas e depois metia-se gelo para cima com a pá, até tapá-las». O gelo era carregado na fábrica, em Lisboa, entrando já triturado. Era batido e picado a bordo com uma picareta e espalhado com uma pá.

A arrumação do peixe do porão processava-se do seguinte modo: Começavam por colocar «uma camada de tábuas, e depois, gelo para cima, uma camada grossa (duas pás de gelo), para aguentar» a viagem. As tábuas no fundo permitiam escoar a água à medida que o gelo se derretia, «depois

peixe e depois gelo e depois peixe e depois peixe», assim sucessivamente. Se o peixe fosse muito, entrava mais rapidamente para bordo, enchia-se o porão mais depressa, a viagem tornava-se mais curta, nesse caso, em lugar de levar duas pás de gelo levava só uma. O paiol tinha umas «travessas para assentar a madeira e fechar a gaveta. Cada gaveta levava umas quinze a vinte canastas de peixe, não levava mais. Cada paiol tinha cinco gavetas até ao tecto». Depois, seguia-se o mesmo processo. O tabuado «ficava assente em cima de ripas, não ficava assente sobre o peixe. O peixe couro, peixe rijo, raias, canêjas, miotos, todo o peixe mais rijo, era mais a uso»; era armazenado nos poços, «chama a gente os poços; era um corredor no fundo navio. Só quando não havia mais nada é que se punha cachucho ou marmota, para encher a escotilha, mas era muito raro, para isolar, algumas vezes, metia-se só gelo, para não meter pescadas, porque não havia outro peixe. As pescadas estragavam-se ali, não mereceria a pena.»

Embarcou no “Alcácer” como marinheiro pescador (16.06.1956-18.03.1957); no “Albatroz” ainda como marinheiro pescador (30.04.1957-12.06.1957); no “Alverca” (18.08.1957-30.06.1959), como marinheiro pescador, tendo sido promovido a contra-mestre, a partir de 1 de Novembro de 1958; no “Albufeira” como mestre de redes (16.12.1959-05.07.1961). Ao contrário dos anteriores, este navio tinha capacidade para congelar o pescado a bordo. «Andei apenas num barco próprio para a lagosta, o “Albufeira”. Andei no “Albufeira”, só próprio, à lagosta.»

No princípio da campanha de arrasto capturavam as lagostas, para aproveitar apenas as côas que eram congeladas a bordo. As lagostas capturadas no final da viagem eram transportadas vivas para Lisboa em tanques de água com redes. Tinham de mudar a água todos os dias e retirar as lagostas mortas.

«Uma vez, fizemos três paióis cheios de lagosta, só os rabos, com sal, serradura e gelo. Quando chegámos cá estava tudo negro. Foi tudo para a tulha, só se aproveitaram as nossas, que vinham salgadas para vender e as que vinham em conserva de vinagre, em frascos de vidro.»

Andou no “Mestre Manuel Mónica”, de Setúbal, como mestre de redes (15.07.1961-26.10.1961); no “Alvor”, como marinheiro (06.02.1962-07.03.1962) e mestre de redes (07.03.1962-26.03.1963).

«Andei lá muito tempo de contramestre. Andei em vários navios. A certa altura comecei a pensar que o trabalho era o mesmo, o ordenado era o mesmo de mestre de redes e eu como sabia qualquer coisa de redes, pensei em ir para mestre de redes.»

O mestre de redes tratava de todo o material pertencente às redes, «ele é que é o actor, embora o contramestre também ajude». O contramestre era responsável pelo armamento do navio, «ele é que é o professor, é o segundo oficial do navio. Quando andei de mestre de redes, fazia de contramestre e de mestre de redes, fazia os dois lugares. A tarefa do mestre de redes era arranjar, reparar e armar as redes, aí é que estava a sabedoria.»

Em 12 de Maio de 1964, fez com sucesso o exame para arrais da pesca costeira na Capitania do Porto de Cascais.

António Inácio embarcou novamente, no “Alverca” como mestre de redes (06.10.1965-31.01.1966); no “Pólo Norte” (22.02.1966-27.12.1967) como mestre de redes; no “Madragea” (04.01.1968-14-02-1968) como marinheiro; de novo no “Pólo Norte” (20.02.1968-03.04.1968) como mestre de redes; no “Marisco” (27.11.1968-11.02.1969) como contra-mestre; no “Praia do Restelo” (10.01.1970-09.04.1970) como mestre de redes. «Quando andei no “Praia do Restelo”, o navio tinha umas sete ou oito redes.»

Andou no “Pargo” (30.10.1970-31.01.1971) como mestre de redes; no “Comandante Carvalho” (05.02.1971-26.03.1971) como mestre de redes, e finalmente, uma vez mais, no “Madragea” como contra-mestre (22.04.1971-26.11.1971).

Perguntei a António o que comia a tripulação a bordo dos arrastões? A resposta surgiu pronta – «Isso era de sofrer. Comer havia bastante. Carne (bifes, cozido à portuguesa), bacalhau. Peixe estava lá com fartura! Às vezes não havia era vagar para comer. Era sempre a trabalhar, a arrastar de dia e de noite. Era cabeçadas no peixe que até se “cachimbava” tudo! Três dias sem dormir para carregar o navio.»

Em 1972, António Inácio decidiu não se candidatar a mestre de pesca, pondo assim fim à sua actividade na pesca do arrasto. «Vim-me embora para aqui. Foi o maior espalhafato que eu fiz; foi

esse. Vim para aqui e comprei a lancha “José Alberto”. Uma lancha antiga que pertencia ao meu cunhado José Álvaro de Matos Arvelo.»

António Inácio comprou a lancha “José Alberto” em 17 de Outubro de 1972. Em 3 de Setembro de 1949, Afonso Lucas comprou a Policarpo Vicente Isaac, carpinteiro construtor naval, residente na Nazaré, a embarcação que denominou “D. Conceição Lucas”. Ficou registada com o nº E154L. Foi equipada com um motor sueco “Albin” de 9 H.P, 1.500 r.p.m., com 180kg de peso e consumo horário de quatro litros. Destinava-se à «pesca local com anzol.» Em 26 de Março de 1956, Afonso Lucas vendeu-a a Agostinho da Silva que a denominou “Nato”. Em 3 de Abril de 1956, foi autorizada a substituição do motor “Alvin” por um “Sanofi” de 10/15 H.P. Em 25 de Maio de 1959, Agostinho Silva vendeu a lancha a Alberto de Matos Franco que a denominou “José Alberto”. Em 12 de Setembro de 1959, Alberto de Matos Franco vendeu-a a Procópio Fernandes Mano, proprietário da “Taberna Procópio”. Em Abril de 1960, o motor “Alvin” foi substituído por um “Petter” de 15 H.P. Em 30 de Outubro de 1967, Procópio Mano vendeu-a a José Álvaro de Matos Arvelo.

Na “José Alberto”, António Inácio pescava com redes de emalhar – «para apanhar raias, pregados, lagostas, tudo», tresmalhos – «eram mais para o linguado, apanhava outros peixes, praticamente era para linguados» e aparelho. «Naquele tempo não havia rastos. No princípio, «o aparelho tinha setenta, oitenta, anzóis, ultimamente, já havia aparelhos com duzentos anzóis. Os estralhos distanciavam um do outro uma braça e pouco e tinham meia braça de comprimento.»

Utilizava o «aparelho para o robalo e para o que aparecesse e aparelho para o fundo. O aparelho para o robalo era disposto aos “ss”» em relação à altura de água.

Em 1987-1988, «Por aí. Por aí», começou a perder a única vista que tinha, e «houve essa coisa de entregar os barcos ao Governo. Foi o piorio que o Governo fez.» Entregou o barco, pois «estava na altura de ir para a reforma e reformei-me.»

António Inácio aprendeu os pesqueiros costeiros «com os outros e mais praticamente comigo.»

Quando lhe indaguei se conhecia muitos pesqueiros? Respondeu – «Eu conheço tantos. Conheço os cascos “S. Teresinha” (Os torreões de Mafra ali quase ao “Rivotti” e um beco que está aqui na serra de Montejunto, aqui à fonte de S. Sebastião), a “Pedra Palavra” (Mafra ali à Ermida de S. Sebastião, os dois torreões do meio à Ermida de S. Sebastião e Majapão ao Verde (Ribas a norte de S. Lourenço), o “Figo” (Mafra ao Cabo David e uma jeira que faz ali por terra de Cabo Magoito a aparecer com o pinhal, estes são os sinais que eu faço), o “Bargal” (Peninha à lombada de fora do triângulo, há dois triângulos lá, um virado com o bico para cima, o outro virado com o bico para baixo, e Majapão à casa (A casa da francesa mais ou menos na abadia), a “Maçã” (Nossa Senhora à lombada de fora do rio, rio por sul de Magoito, e Majapão à casa do Carido), o “da Roca” (Um moinho, que lá está por sul da Roca, num terreno que é murado, a peninha mesmo à quina, à ponta do muro, a quarenta e sete braças), o “Casquinho”, mais ao norte (os bicos por norte da serra, está lá uma palmeira...), quando começou a utilizar a sonda fazia apenas um sinal e com a altura de água chegava ao pesqueiro, já só utilizava um sinal.

Arrastava no “Mar do Avô”, no Bragal, no “Mar da Areia”, na Canaleta, no “Mar de Sintra”, onde não se vê terra.

Quando ia pescar ao safio, «saía para o mar de manhã ou de tarde, dependia. Uma vez fui daqui eram oito horas da manhã cheguei lá às cinco horas da tarde. O motor andava poucachinho, era um “Peter” de dezasseis cavalos. Pescava de noite. Nesse dia corri o dia todo, de um mar para outro, e ainda fui parar à barra de Lisboa. Naquele tempo o peixe estava a montes.» Para comer, levavam qualquer coisa, «fazíamos o comer a bordo num tacho, caldeirada, peixe cozido, cortava-se um bocado de safio, uma arraia, um pregado, o que houvesse, o lume era feito numa caixa com areia.» Levavam batatas, cebolas, azeite e vinho. A companhia era constituída por três ou quatro camaradas. Andou no mar com o Carmindo Dias Pedro, o “Grão”, o Vicente, «andaram muitos comigo.»

A remuneração da companhia era feita “a partes”. Do dinheiro que recebia da venda na lota, descontava a taberna (a conta do vinho, aviado para levar para o mar, e do mata-bicho), os mantimentos e o gasóleo. A quantia para a Mútua era descontada na lota. Do dinheiro que restava, «duas partes e meia eram para o barco, para o patronato», depois distribuía uma parte igual por cada

um dos camaradas da companhia, incluindo o arrais. «Se a companhia tivesse três camaradas passava a ser 5,5 partes, se a companhia tivesse quatro camaradas era 6,5. Dependia do número de camaradas da companhia.» A parte, de cada um dos camaradas, era igual. Este sistema de remuneração era norma na pesca artesanal da Ericeira.

Nesse tempo, «a malta da Ericeira, não ia para a “Sarrada”⁶. Ia mais para o limpo, para sul.» Capturavam lagostas, lavagantes, santolas, sapateiras. «A malta não fazia caso dos grilos, agora é que ligam, pois deram cabo de tudo.»

António Inácio costumava ir aos polvos, «à malhada como o “Xico Porras” vai. Fui tanta vez! Agora, já há muitos anos que não vou.»

Por fim, perguntei a António se sabia preparar a canêja de infundice e se conhecia a canêja pintada. «A canêja pintada com pintas brancas, ele há, mas aqui não, em Cabo Branco é que há. Aqui é só a cinzenta. Cheguei a preparar a canêja de infundice para outros comerem, não para mim, eu não sou apreciador. Cortava a canêja às postas, toda cortada às postas, punha uns salpiquinhos de sal entre uma posta e outra, enrolava num pano branco e depois fechava-a numa serapilheira e deixava estar seis ou sete dias.»

António Inácio foi sinaleiro na Ericeira.

Actualmente passa o tempo a cuidar da esposa. Sempre que pode vai sentir o mar e cavaquear com a malta na esplanada do forte.

Entrevistas feitas na esplanada do Forte, na Ericeira, em 28 de Setembro e 12 de Outubro de 2012.

Francisco Esteves

⁶Na Ericeira, “sarrada” significa área marítima com fundo de pedra.